



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Consumo de pornografia *online*: Correlatos psicossociais e
relação com crenças sobre violência sexual numa amostra de
estudantes do ensino superior

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Bruna Daniela Fernandes Conceição

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

OUTUBRO 2024



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Consumo de pornografia *online*: Correlatos psicossociais e relação com crenças sobre violência sexual numa amostra de estudantes do ensino superior

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Bruna Daniela Fernandes Conceição

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Berta Maria
Marinho Rodrigues Maia**

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à Professora Doutora Berta Rodrigues Maia pela orientação, pelo profissionalismo e pela transmissão do gosto pela investigação.

Aos meus pais, quero deixar o meu profundo agradecimento, por todas as oportunidades que me proporcionaram e por estarem sempre disponíveis, com todo o amor do mundo.

Às minhas primas, à minha tia e à minha avó, pelo carinho e suporte incondicional.

Ao meu namorado, pela presença reconfortante e os votos de confiança e incentivo para dar o meu melhor.

Aos meus amigos, que estão comigo há muito tempo, por serem um porto seguro e pela partilha de memórias especiais que guardarei para toda a vida.

Às minhas “boboetas”, amigas de trabalho, por fazerem parte deste ciclo e tornarem tudo mais bonito.

A todos que fizeram parte deste importante percurso, o meu muito obrigada!

Resumo

A pornografia *online* apresenta diversas complexidades que têm sido alvo de investigação por parte da comunidade científica. Em Portugal, os estudos encontram-se em fases iniciais, desconhecendo-se as principais motivações para este consumo. Adicionalmente, a violência sexual tem sido uma preocupação a nível mundial, sendo que a pornografia *online* poderá contribuir para distorções acerca da intimidade e, por conseguinte, para a violência sexual. Deste modo, o presente estudo explorou os principais correlatos psicossociais do consumo de pornografia *online* e a relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual, numa amostra de estudantes do ensino superior. A amostra foi constituída por 50 estudantes, distribuídos igualmente por sexo e com uma idade média de 22.48 anos ($DP = 2.75$; *variação* = 18-30). Foram aplicados o Questionário Sociodemográfico, o Questionário sobre Padrões de Uso da Internet e Conteúdo Pornográfico, o *Cyber Pornography Use Inventory-9*, o *Dickman Impulsivity Inventory* e a Escala de Crenças sobre Violência Sexual. Os resultados obtidos revelam que os participantes foram expostos a pornografia *online* aos 12.71 anos ($DP = 2.21$, *variação* = 8-18) e começaram a visualizar intencionalmente estes conteúdos aos 14.87 anos ($DP = 2.93$, *variação* = 8-25). Os homens apresentaram um consumo semanal ($r = .60$) e mensal ($r = .61$) de pornografia *online* e uma autoperceção de adição ($r = .50$) significativamente mais elevados. A idade de exposição à pornografia *online* mostrou-se correlacionada com a compulsividade relativa à adição à pornografia *online* ($r_s = -.30^*$). Verificou-se, igualmente, que a impulsividade disfuncional se encontra correlacionada com a compulsividade ($r_s = .30^*$). Por fim, foi possível encontrar uma relação entre a autoperceção de adição à pornografia *online* e as crenças sobre a violência sexual ($r_s = .28^*$). Torna-se importante sensibilizar pais, educadores e jovens acerca dos riscos associados à exposição precoce à pornografia *online*, de modo a acautelar os impactos posteriores associados a esta visualização, como a aceitação de crenças permissivas da violência sexual.

Palavras-chave: pornografia *online*, correlatos psicossociais, impulsividade, crenças sobre violência sexual, estudantes do ensino superior

Abstract

Online pornography presents several complexities that have been the subject of research by the scientific community. In Portugal, studies are in the early stages, and the main motivations for this consumption are unknown. Additionally, sexual violence has been a concern worldwide, and online pornography may contribute to distortions about intimacy and, therefore, sexual violence. Thus, the present study explored the main psychosocial correlates explaining online pornography consumption and the relationship between online pornography consumption and beliefs about sexual violence, in a sample of college students. The sample consisted of 50 college students, equally distributed by gender and with an average age of 22.48 years ($SD = 2.75$; $range = 18-30$). A Sociodemographic Questionnaire, a Questionnaire on Patterns of Internet Use and Pornographic Content, the Cyber Pornography Use Inventory-9, the Dickman Impulsivity Inventory and the Beliefs about Sexual Violence Scale were applied. The results obtained reveal that participants were exposed to online pornography at the age of 12.71 ($SD = 2.21$, $range = 8-18$) and began intentionally viewing these contents at the age of 14.87 ($SD = 2.93$, $range = 8-25$). Men reveal higher weekly ($r = 0.60$) and monthly ($r = 0.61$) consumption of online pornography and significantly higher self-perception of addiction ($r = 0.50$). The age of exposure to online pornography was correlated with the compulsivity related to addiction to online pornography ($r_s = -0.30^*$). It was also found that dysfunctional impulsivity was correlated with compulsivity ($r_s = 0.30^*$). Finally, it was possible to find a relationship between self-perception of addiction to online pornography and beliefs about sexual violence ($r_s = 0.28^*$). It is important to raise awareness among parents, educators and young people about the risks associated with early exposure to online pornography, to prevent subsequent impacts associated with this viewing, such as the acceptance of beliefs that condone sexual violence.

Keywords: online pornography, psychosocial correlates, impulsivity, beliefs about sexual violence, college students

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento teórico	2
Consumo de pornografia <i>online</i> e correlatos psicossociais	2
Relação entre consumo de pornografia <i>online</i> e crenças sobre a violência sexual	5
Metodologia	7
Objetivos.....	7
Hipóteses	7
Questões de investigação.....	8
Desenho do estudo.....	8
Amostra	8
Procedimentos	9
Medidas e Instrumentos.....	9
Análises de dados	11
Resultados.....	12
Análise descritiva do Questionário sobre Padrões de Uso da Internet e Conteúdo Pornográfico.....	12
Pontuações médias do <i>Cyber Pornography Use Inventory-9</i> (CPUI-9).....	13
Pontuações médias do <i>Dickman Impulsivity Inventory</i> (DII)	13
Pontuações médias da Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)	14
Diferenças no consumo de pornografia <i>online</i> em função do sexo	14
Diferenças na autoperceção de adição à pornografia (CPUI-9) em função do sexo.....	15
Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e grau de escolaridade dos pais dos consumidores	15
Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e autoperceção de adição à pornografia <i>online</i> (CPUI-9)	16
Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e níveis de impulsividade (DII)	17
Correlação entre a autoperceção de adição à pornografia <i>online</i> (CPUI-9) e os níveis de impulsividade (DII).....	17
Correlação entre idade de exposição e de consumo de pornografia <i>online</i> e autoperceção de adição à pornografia <i>online</i> (CPUI-9).....	18
Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e crenças permissivas de violência sexual (ECVS)	18
Correlação entre autoperceção de adição à pornografia <i>online</i> (CPUI-9) e crenças permissivas de violência sexual (ECVS)	20
Discussão	21
Conclusões	23

Referências	25
Anexos.....	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. Pontuações médias do CPUI-9 ($N = 50$).....	13
Tabela 2. Pontuações médias do DII ($N = 50$).....	13
Tabela 3. Pontuações médias do ECVS ($N = 50$).....	14
Tabela 4. Diferenças no consumo de pornografia <i>online</i> em função do sexo.....	14
Tabela 5. Diferenças no CPUI-9 em função do sexo.....	15
Tabela 6. Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e grau de escolaridade dos pais.....	16
Tabela 7. Correlação entre consumo semanal de pornografia <i>online</i> e CPUI-9.....	16
Tabela 8. Correlação entre consumo mensal de pornografia <i>online</i> e CPUI-9.....	16
Tabela 9. Correlação entre consumo de pornografia <i>online</i> e Impulsividade Funcional e Disfuncional.....	17
Tabela 10. Correlação entre CPUI-9 e Impulsividade Funcional e Disfuncional.....	17
Tabela 11. Correlação entre idade de exposição à pornografia <i>online</i> e CPUI-9.....	18
Tabela 12. Correlação entre idade de consumo de pornografia <i>online</i> e CPUI-9.....	18
Tabela 13. Correlação entre consumo semanal de pornografia <i>online</i> e ECVS.....	19
Tabela 14. Correlação entre consumo mensal de pornografia <i>online</i> e ECVS.....	19
Tabela 15. Correlação entre CPUI-9 e ECVS.....	20

Introdução

O consumo de pornografia *online* tem apresentado um desenvolvimento substancial, devido à maior acessibilidade a este género de conteúdo (Böthe et al., 2018). Sabe-se que existem alguns fatores psicossociais que estão relacionados com o consumo de pornografia, nomeadamente ser do sexo masculino (Price et al., 2016; Regnerus et al., 2016; Vaillancourt-Morel et al., 2017), pertencer à comunidade LGBTQ (Böthe et al., 2018; Giménez-García et al., 2021), utilizar estratégias de *coping* mal-adaptativas para lidar com estados emocionais negativos (Baltazar et al., 2010; Cardoso et al., 2022), entre outros. Por sua vez, a violência sexual também se tem mostrado um problema de ordem mundial com extrema relevância (Krahé, 2018). De acordo com a literatura, a pornografia *online* poderá estar relacionada com as crenças e a perpetuação de violência sexual (Brown et al., 2017; Sun et al., 2017; Vera-Gray et al., 2021). Em específico, através do consumo de materiais pornográficos com teor violento e agressivo, os indivíduos podem desenvolver crenças irrealistas acerca da intimidade sexual (Hald et al., 2010).

Assim, neste trabalho foi possível explorar os principais correlatos psicossociais que motivam e caracterizam os consumidores portugueses a visualizar pornografia *online*, tendo em conta que a investigação sobre o tema é incipiente no contexto nacional. Adicionalmente, foi explorada a relação entre a pornografia *online* e as crenças legitimadoras da violência sexual, de modo a desenvolver uma reflexão acerca de estratégias psicoeducativas que possibilitem a vivência de uma sexualidade segura e consciente.

Enquadramento teórico

Consumo de pornografia *online* e correlatos psicossociais

A conceptualização de pornografia *online* apresenta um cariz subjetivo, na medida em que cada indivíduo apresenta diferentes conceções do que considera ser pornográfico (Esplin et al., 2021). De acordo com a literatura existente, a pornografia *online* pode ser definida como todos os conteúdos na Internet que incluem representações explícitas de práticas sexuais (Landripet & Štulhofer, 2015). A sua criação teve como principal intuito impulsionar o desejo e a excitação sexual do indivíduo que consome tais conteúdos (Efrati & Amichai-Hamburger, 2019).

O consumo de pornografia pode ser explicado através do modelo teórico denominado *Antecedents–Context–Effects* (Campbell & Kohut, 2017), que tem em conta as diferenças intersubjetivas e contextuais presentes. De acordo com o modelo, existe um conjunto de antecedentes (e.g., diferenças individuais) que podem aumentar a probabilidade de o indivíduo visionar materiais pornográficos. Aquando da visualização, estes antecedentes vão determinar os contextos específicos do consumo (e.g., frequência) que, conseqüentemente, irão resultar em diversos efeitos para o próprio, variando entre positivos, negativos e/ou neutros. Em específico, os efeitos da visualização de pornografia *online* encontram-se num espectro, variando entre efeitos positivos e efeitos negativos. Positivamente, alguns indivíduos referem que conseguem obter um maior conhecimento acerca da sexualidade (McKee, 2007) e melhorar a comunicação sexual com parceiros íntimos, o que se traduz num aumento do conforto sexual (Kohut et al., 2017). Contrariamente, deste consumo podem advir atitudes perpetuadoras de violência contra o sexo feminino (Wright & Tokunaga, 2016), sintomatologia depressiva e/ou ansiosa (Whitfield et al., 2018) e ficar adito a conteúdos de teor pornográfico (Allen et al., 2017). Porém, é importante que cada indivíduo determine subjetivamente o impacto que o consumo destes conteúdos apresenta para a sua vida, em específico, no domínio da sexualidade (Willoughby et al., 2019).

No que diz respeito às características dos consumidores, os homens apresentam um consumo mais frequente de pornografia, ou seja, consomem mais vezes e durante mais tempo (Price et al., 2016; Regnerus et al., 2016; Vaillancourt-Morel et al., 2017). Em Portugal, as publicações científicas neste âmbito encontram-se aquém do esperado, comparativamente a outros países (Castro & Lins, 2021). Porém, um estudo europeu realizado com uma amostra composta por homens portugueses, croatas e noruegueses, demonstrou que os homens portugueses apresentaram uma taxa de 40% de frequência de visualização entre “diversas vezes por semana” a “diariamente” (Landripet & Štulhofer, 2015). Em relação à orientação

sexual, os dados internacionais indicam que indivíduos que pertencem à comunidade LGBTQ (lésbica, gay, bissexual, transgénero e *queer*) revelam um maior consumo de pornografia, em comparação com indivíduos heterossexuais (Böthe et al., 2018; Giménez-García et al., 2021). Isto poderá acontecer devido ao facto de a pornografia *online* ser um meio livre de exploração das diversas facetas da sexualidade, sem que haja quaisquer condicionantes discriminatórias (Giménez-García et al., 2020). Por fim, a religião parece ser também uma variável que influencia o consumo de pornografia, na medida em que indivíduos religiosos tendem a apresentar níveis reduzidos de bem-estar aquando da visualização deste tipo de conteúdos (Nelson et al., 2010).

As motivações para o consumo de pornografia podem prender-se com a masturbação, a aprendizagem sobre o sexo, o entretenimento sexual (Boies, 2002) e estratégias de *coping* para lidar com estados emocionais negativos (Baltazar et al., 2010). Os principais preditores, de acordo com a revisão sistemática realizada por Grubbs et al. (2019), são aqueles que estão focados na obtenção de prazer. Adicionalmente, a frequência do consumo de pornografia pode determinar as motivações associadas ao mesmo. Sabe-se que, tendencialmente, os indivíduos que tendem a abster-se de visualizar pornografia, quando o fazem é com o pretexto de curiosidade e no sentido de adquirir informação relacionada com os atos sexuais (Brown et al., 2017). Por sua vez, indivíduos que relataram um consumo mais frequente de pornografia, tendem a fazê-lo com o intuito de se masturbarem e, conseqüentemente, de obter excitação sexual (Brown et al., 2017).

As características individuais e as motivações anteriormente referidas podem surgir associadas ao uso problemático de pornografia *online*. Este conceito refere-se à existência de conseqüências negativas no funcionamento pessoal, interpessoal e/ou vocacional, que advém de um consumo excessivo de pornografia *online* (Twohig et al., 2009). Os indivíduos que experienciam este uso problemático tendem a possuir dificuldades a nível do autocontrolo, ou seja, não têm a capacidade de gerir o seu consumo, fazendo-o, muitas das vezes, para evitar estados emocionais negativos (i.e., estratégia de *coping* mal-adaptativa; Kor et al., 2014). Estes consumidores podem também considerar que estão “adictos” à pornografia *online* (Grubbs et al., 2015). Deste modo, foi encontrada uma relação positiva entre o consumo diário de pornografia *online* e o desenvolvimento de uso problemático de pornografia (Harper & Hodgins, 2016).

De acordo com Dickman (1990), a impulsividade pode ser classificada como funcional, associada a aspetos positivos, ou disfuncional, associada a aspetos negativos. A impulsividade funcional surge associada ao entusiasmo e ao espírito de aventura, enquanto a

disfuncional tende a estar relacionada com a desordem e o desgosto pelo planeamento futuro. Embora diferentes, ambas as classificações se referem ao ato de agir rapidamente sem planeamento prévio. No que diz respeito ao uso problemático de pornografia *online*, este foi associado com o traço de impulsividade, principalmente na população masculina (Antons & Brand, 2018). Porém, existem estudos que refutam esta ideia, não encontrando uma relação entre os dois construtos e afirmando que a impulsividade poderá estar mais relacionada com a hipersexualidade em geral (Bóthe et al., 2018). Que seja do nosso conhecimento, não existem estudos que comparem as duas classificações da impulsividade no que diz respeito ao consumo de pornografia *online*. Por isso, na presente investigação irá procurar-se compreender se existe uma diferença entre os níveis de impulsividade funcional e disfuncional, mediante o consumo de conteúdos pornográficos.

Por sua vez, o uso problemático de pornografia *online* tem se mostrado positivamente associado com a precocidade da exposição, na medida em que quando mais novo for o consumidor, maior será a probabilidade do mesmo desenvolver um uso problemático (Harper & Hodgins, 2016). Adicionalmente, tendo em conta a imaturidade cognitiva, a exposição precoce à pornografia poderá distorcer as perceções das crianças e/ou adolescentes acerca das relações de intimidade (Brown et al., 2017; Peter & Valkenburg). De acordo com a teoria da aprendizagem social, esta exposição apresenta precocemente comportamentos sexuais às crianças e reforça-os através da visualização de conteúdos que demonstram a obtenção de prazer (recompensa) ao realizar os comportamentos (Dillard et al., 2019; Hornor, 2020). Desta forma, a criança que apresenta uma visão errónea da sexualidade, caracterizada por eventos de agressividade e dominância masculina, poderá na idade adulta estar mais suscetível de, por exemplo, cometer atos de violência sexual (Flood, 2009). Este facto deve alertar as autoridades públicas, tendo em conta que cada vez mais cedo as crianças são expostas a este tipo de materiais sexuais (Foubert et al., 2019). Num estudo realizado com 74 estudantes universitários portugueses que consumiram pornografia *online* nos últimos 6 meses, com uma idade média de 21 anos ($DP = 2.09$, variação = 18-29), Maia e Conceição (2023) verificaram que a exposição a conteúdo pornográfico acontecia, em média, aos 13 anos de idade ($DP = 2.56$; variação = 8-20) e os indivíduos começavam a consumir pornografia *online* em média aos 14 anos ($DP = 2.63$; variação = 9-20). A maior parte apresentava uma frequência de consumo de pornografia de uma a duas vezes por semana (40.5%), sendo que 51.4% visionava em média <15m de pornografia e habitualmente quando estavam sozinhos (79.7%). O sexo masculino apresentou um consumo semanal ($Md = 49.04$) de pornografia *online* significativamente mais elevado do que o sexo feminino ($Md = 25.28$), $U = 232.50$, p

<.00. O consumo mensal também foi superior para os homens ($Md = 51.01$), comparativamente com as mulheres ($Md = 23.36$), $U = 161.50$, $p <.00$. Finalmente, encontraram uma associação positiva entre o consumo semanal e as pontuações totais de autopercepção de adição à pornografia *online* e uma associação negativa entre a idade da primeira exposição à pornografia *online* e as pontuações totais de autopercepção de adição. Que seja do nosso conhecimento, não existe mais nenhum estudo nacional que explore a questão da exposição precoce de pornografia *online*.

Relação entre consumo de pornografia *online* e crenças sobre a violência sexual

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, a violência sexual refere-se à prática ou à tentativa de um ato sexual indesejado (i.e., comentário, contacto ou interação sexual) sem que exista um consentimento de ambas as partes. Este fenómeno pode ser interpretado como um problema de saúde de evidente complexidade, pressupondo a existência de uma relação de desigualdade de poderes (Miranda et al., 2020). A violência sexual pode acontecer em diferentes circunstâncias, sendo elas a violação em relações de intimidade e/ou por alguém desconhecido, exigir sexo em troca de favores, obrigar a pessoa a visualizar pornografia sem o seu consentimento, mutilação genital, entre outras (Dartnall & Jewkes, 2013).

A cultura em que o indivíduo está inserido exerce uma influência sobre os seus comportamentos sexuais, existindo uma discriminação face ao género em respeito ao que é ou não aceitável (Freese et al., 2004). Em específico, as crenças machistas permitem que exista uma legitimação da violência sexual, tendo em conta as crenças tradicionais acerca dos papéis de género (Munsch & Willer, 2012). A necessidade de existir uma postura viril do homem heterossexual na sociedade atual, pode facilitar os ideais de degradação do sexo feminino, de modo que exista uma autoafirmação da identidade masculina (Lopes, 2014). Os media (e.g., pornografia *online*) exercem um papel neste pressuposto, na medida em que, muitas vezes, existe uma representação das mulheres como “objetos sexuais”, cuja principal função é satisfazer os desejos sexuais dos homens (American Psychological Association, 2007; Wright & Tokunaga, 2016). De acordo com a teoria construtivista dos *scripts* sexuais (Gagnon & Simon, 1973), os indivíduos desenvolvem os seus conhecimentos sexuais através da interação com o meio social. Em específico, os *scripts* são o conjunto de expectativas provenientes de certas situações que ajudam a determinar como é que as mesmas se vão desenrolar (Schank & Ableson, 1977). Por sua vez, os *scripts* sexuais são esquemas cognitivos que determinam o que é ou não aceitável em termos de conduta sexual (Wiederman, 2015). Desta maneira, os

media, nomeadamente a pornografia *online*, podem influenciar a existência de *scripts* sexuais, criando linhas orientadoras para as interações sexuais, potenciando crenças que legitimem a violência sexual (Bridges et al., 2016; Sun et al., 2016).

A literatura existente permite-nos verificar a existência de uma relação entre o consumo de pornografia e aspetos relacionados com a violência sexual (Vera-Gray et al., 2021). De facto, uma das consequências associadas ao consumo de pornografia é a perpetuação da violência sexual (Malamuth et al., 2000). No âmbito de estudos de cariz experimental, a exposição a pornografia foi um fator determinante no aumento de comportamentos agressivos e verificou-se um reforço considerável da violência sexual (Malamuth & Ceniti, 1985; Malamuth & Check, 1984; Malamuth et al., 1980). Uma parte considerável da pornografia disponibilizada na Internet apresenta representações de violência sexual contra o sexo feminino (Sun et al., 2016). Mais especificamente, existem diversas categorias na pornografia *online*, sendo uma delas mais voltada para o conteúdo agressivo e sexista (e.g., vídeos com representações de violação sexual).

A pornografia poderá criar expectativas sexuais irrealistas e, por sua vez, influenciar a prática de comportamentos sexuais desajustados, nomeadamente por parte dos homens que consomem estes materiais (Brown et al., 2017; Sun et al., 2017). Contudo, esta relação pode acontecer de maneira inversa: existem indivíduos que apresentam uma maior probabilidade de cometer atos de violência sexual e, por isso, tendem a consumir mais conteúdos pornográficos violentos (Owens et al., 2012; Seto et al., 2001). Numa meta-análise realizada por Hald et al. (2010), foi possível verificar a existência de uma relação significativa entre a visualização de pornografia e atitudes perpetradores de violência contra mulheres, que englobam crenças acerca da violência sexual em específico. Mais concretamente, a relação mostrou-se mais forte em relação ao consumo de pornografia com teor violento (i.e., conteúdos sexuais que representam relações sexuais não consensuais e/ou violentas), comparativamente com géneros não violentos. Um estudo realizado em Portugal com alunos e ex-alunos universitários, concluiu que os indivíduos que tinham visualizado pornografia *online* apresentaram uma maior prevalência de crenças que legitimam a violência sexual, comparativamente aos indivíduos que não visualizaram esses conteúdos (Lopes, 2014). Em específico, através dos dados obtidos na Escala de Crenças sobre Violência Sexual, verificaram-se valores mais elevados nas subescalas Provocação da Vítima, Consentimento da Vítima e Falsa Noção de Invulnerabilidade (Lopes, 2014). A exposição precoce à pornografia *online* poderá também influenciar o envolvimento em comportamentos sexuais agressivos por parte de adolescentes (Ybarra et al., 2011). De acordo com Hald e Malamuth (2015), existem três fatores

mediadores que interferem na influência da pornografia na violência sexual. Os autores referem que as escolhas comportamentais (e.g., consumo de pornografia com teor agressivo), os fatores socioculturais (e.g., cultura machista) e as diferenças individuais (e.g., hipersexualidade) ajudam a sustentar a relação entre a pornografia e a perpetuação de violência sexual.

Metodologia

Objetivos

O presente estudo tem como objetivos gerais explorar os correlatos psicossociais do consumo de pornografia *online* e a relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual, numa amostra de estudantes do ensino superior.

Mais especificamente, pretendeu-se:

1. Descrever o fenómeno do consumo de pornografia *online* (e.g., idade de acesso a conteúdo pornográfico, frequência do consumo);
2. Explorar os principais correlatos psicossociais do consumo de pornografia *online*, considerando as características sociodemográficas (e.g., sexo) e familiares (e.g., escolaridade dos pais, controlo parental relativo à utilização da internet) dos participantes;
3. Descrever as características individuais dos participantes relativamente às suas crenças sobre violência sexual;
4. Explorar a relação entre o consumo e a autoperceção de adição à pornografia *online* com as crenças sobre violência sexual.

Hipóteses

De modo a dar resposta aos objetivos elaborados, o estudo apresenta as seguintes hipóteses:

H1: Espera-se que indivíduos do sexo masculino apresentem uma maior frequência de consumo de pornografia *online* (Price et al., 2016; Regnerus et al., 2016; Vaillancourt-Morel et al., 2017).

H2: Espera-se que quanto maior for a frequência de consumo de pornografia *online*, maior será autoperceção de adição à pornografia *online* (Harper & Hodgins, 2016).

H3: Espera-se que quanto maior for a autoperceção de adição à pornografia *online*, maior serão os níveis de impulsividade (Antons & Brand, 2018).

H4: Espera-se que quanto mais precoce for a exposição e o consumo de pornografia *online*, maior será a autoperceção de adição à pornografia *online* (Harper & Hodgins, 2016).

H5: Espera-se encontrar uma relação positiva entre o consumo de pornografia *online* e a autoperceção de adição à pornografia *online* com as crenças sobre a violência sexual, ou seja, quanto maior o consumo, maiores as crenças permissivas de violência sexual (Brown et al., 2017; Sun et al., 2017; Vera-Gray et al., 2021).

Questões de investigação

Para responder aos objetivos formulados que não apresentam justificação teórica, elaboraram-se as seguintes questões de investigação:

Q1: Existem diferenças no consumo de pornografia *online* face o grau de escolaridade dos pais dos consumidores?

Q2: Existe uma relação entre no consumo de pornografia *online* e os níveis de impulsividade funcional e disfuncional?

Desenho do estudo

O presente estudo apresenta um desenho descritivo-correlacional, ou seja, foi explorada a relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual, considerando variáveis sociodemográficas e familiares. Os dados foram recolhidos num único momento temporal.

Amostra

A amostra total foi constituída por 74 indivíduos, contudo 24 participantes não cumpriram os critérios de inclusão, tendo sido excluídos da amostra. Deste modo, a amostra final foi composta por 50 estudantes do ensino superior de nacionalidade portuguesa, distribuídos igualmente por sexo. A idade média dos participantes foi de 22.48 anos ($DP = 2.75$; $variação = 18-30$), sendo que a maioria era heterossexual (68%) e metade não estava numa relação amorosa (50%). Adicionalmente, a maioria dos participantes não era religioso (58%) e estava a frequentar uma licenciatura (56%), sendo mais frequente a área de Ciências Sociais e do Comportamento. Os pais de 68% de participantes encontravam-se juntos/casados, sendo que 30% das mães e 32% dos pais dos mesmos concluíram o ensino secundário.

Procedimentos

Este trabalho de investigação foi aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa. Com o intuito de obter dados para dar resposta aos objetivos e hipóteses elaborados, foram pedidas as devidas autorizações para a utilização dos instrumentos (Anexo A). Posteriormente, foi criado um questionário *online* no Google Forms (Anexo B), que incluiu questões acerca de aspetos sociodemográficos, padrões de uso da internet e pornografia *online*, autoperceção de adição à pornografia *online*, impulsividade e crenças sobre violência sexual. O questionário foi divulgado por meios institucionais, através da rede de e-mail da Universidade Católica Portuguesa de Braga. Foi também divulgado através das redes sociais e foram distribuídos folhetos que continham o *QR Code* com acesso ao *link* de participação, recorrendo-se assim ao método de amostragem não probabilístico de bola de neve. Os critérios de inclusão da amostra foram: ter entre 18 e 30 anos de idade, ser estudante do ensino superior, ser de nacionalidade portuguesa e ter visualizado intencionalmente pornografia *online* há menos de 6 meses.

Medidas e Instrumentos

O Questionário Sociodemográfico e Familiar, de autoria da equipa de investigação, engloba questões semifechadas acerca do sexo, idade, grau de escolaridade, estado civil, orientação sexual e crenças religiosas dos participantes. Adicionalmente, foram incluídas questões relacionadas a questões familiares como, por exemplo, o estado civil e grau de escolaridade dos pais.

Para avaliar aspetos relacionados com o uso de internet e de pornografia *online*, a equipa de investigação elaborou o Questionário sobre Padrões de Utilização da Internet e Conteúdo Pornográfico. Este questionário inclui perguntas acerca da idade de início de exposição e utilização da internet e de conteúdos pornográficos *online*, do tempo médio gasto (por semana e aos fins de semana) na internet e em websites pornográficos, e do controlo parental ou dos representantes legais quanto à utilização da internet antes dos 18 anos de idade.

O *Cyber Pornography Use Inventory-9* (CPUI-9) foi elaborado por Grubbs et al. (2015), sendo que foi adaptado e validado para a população portuguesa por Cardoso et al. (2019). O CPUI-9 permite medir a autoperceção dos indivíduos face à adição à pornografia *online*, sendo este um construto multidimensional subdividido em três dimensões: (1) Compulsividade: avaliação da perceção de autocontrolo aquando da visualização de

pornografia *online* (e.g., “Mesmo quando não quero recorrer à pornografia *online*, sinto-me atraído/a pela mesma”), (2) Esforço de Acessibilidade: avaliação da duração dos esforços que o indivíduo faz para visualizar pornografia *online* (e.g., “Já adiei prioridades importantes para ver pornografia”) e (3) *Distress*: avaliação da percepção de culpa em relação ao consumo de pornografia *online* (e.g., “Sinto-me envergonhado/a depois de ver pornografia *online*”). A medida contém 9 itens divididos de maneira igualitária pelas três dimensões, existindo uma escala de resposta de tipo *Likert* de 7 pontos que varia entre 1 “nunca” a 7 “sempre”. A pontuação da escala total varia entre 9 e 63 pontos, sendo que pontuações mais elevadas são indicadoras de uma maior frequência de consumo de pornografia *online*. A escala total do CPUI-9 ($\alpha = .79$) e as subescalas Compulsividade ($\alpha = .83$), Esforço de Acessibilidade ($\alpha = .69$) e *Distress* ($\alpha = .65$) apresentam uma consistência interna adequada. No presente estudo, a escala total ($\alpha = .81$) e as subescalas Compulsividade ($\alpha = .95$) e *Distress* ($\alpha = .75$) também apresentaram valores adequados para a consistência interna. Contudo, a subescala Esforço de Acessibilidade ($\alpha = .14$) revelou um valor muito inferior ao esperado sendo, por isso, excluída das análises estatísticas.

O *Dickman Impulsivity Inventory* (DII) foi originalmente desenvolvido por Dickman (1990) e adaptado e validado para o contexto português por Pechorro et al. (2021). A versão portuguesa do DII é um instrumento constituído por 20 itens que avalia dois domínios da impulsividade: Funcional e Disfuncional. A impulsividade funcional corresponde à componente positiva e pode estar relacionada com o espírito de aventura dos indivíduos (e.g., “As pessoas admiram-me porque consigo pensar rapidamente”). Por sua vez, a impulsividade disfuncional refere-se à componente negativa, tipicamente associada ao desagrado de planeamento futuro e tarefas que implicam cautela (e.g., “Frequentemente meto-me em problemas porque não penso antes de agir”). Na versão original, o DII apresenta uma escala de resposta dicotómica, porém, na versão portuguesa a escala de resposta é de tipo *Likert* de 4 pontos, variando entre 0 “totalmente falso” a 3 “totalmente verdadeiro”. Quanto à interpretação psicológica, pontuações mais elevadas nas respetivas subescalas indicam maiores níveis de características de impulsividade funcional e/ou disfuncional. No estudo de adaptação portuguesa, a subescala funcional no sexo masculino ($\alpha = .81$) e no sexo feminino ($\alpha = .80$) apresentou uma consistência interna adequada. Tal também aconteceu para a subescala disfuncional no sexo masculino ($\alpha = .87$) e no sexo feminino ($\alpha = .87$). Quanto ao presente estudo, a subescala disfuncional ($\alpha = .75$) apresentou uma boa consistência interna, enquanto a subescala funcional ($\alpha = .67$) obteve um valor inferior ao desejado.

A Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS) foi criada por Martins et al. (2012) e avalia o grau de tolerância e aceitação face ao uso de violência sexual, encontrando-se dividida em cinco fatores: (1) Representação estereotipada da violação: conjunto de crenças que permitem legitimar a violência sexual decorrente da existência de um historial sexual entre a vítima e o ofensor e à inexistência de violência física durante o ato sexual (e.g., “Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação”, “Se não for usada violência física, não se pode dizer que o ato sexual foi forçado”); (2) Provocação da vítima: conjunto de crenças acerca de determinadas condutas da vítima que justificam a violência sexual (e.g., “Se uma pessoa se expõe [por exemplo, saindo à noite sozinha ou frequentando locais com má reputação], a culpa é sua, se for vítima de uma agressão sexual”); (3) Consentimento da vítima: conjunto de crenças que minimizam a violência sexual de acordo com a ideia de que a vítima incentiva a violação e experiencia prazer com a mesma (e.g., “Algumas pessoas têm prazer sexual quando são violadas”); (4) Falsa noção de invulnerabilidade pessoal: conjunto de crenças que defendem que as vítimas e os ofensores sexuais apresentam características que os permitem distinguir dos demais (e.g., “Os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima”, “Só são vítimas de agressões sexuais as pessoas «indecentes»”); (5) Falsas alegações: conjunto de crenças que desvalorizam a gravidade da violência sexual mediante a negação da ocorrência do crime e a interpretação de que as queixas são meramente feitas por vingança ou são demonstrações de arrependimento pós-facto (e.g., “A maioria das queixas de violação é falsa ou exagerada”). A ECVS é constituída por 30 itens, com uma resposta tipo *Likert* de cinco pontos, variando entre 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”. A pontuação total varia entre 30 e 150 pontos, sendo que a pontuação total é obtida através do somatório direto das respostas dadas a cada um dos itens, podendo ser obtida também uma pontuação para cada fator em específico. Pontuações mais elevadas no total da escala correspondem a um maior grau de tolerância e aceitação do uso de violência sexual, sendo possível interpretar os resultados de acordo com cada fator específico. A escala total apresenta um grau de consistência interna satisfatório ($\alpha = .91$). Tal também se sucedeu na presente investigação ($\alpha = .87$).

Análises de dados

Foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 28 para realizar a análise de dados. Para dar resposta aos objetivos e às hipóteses formulados no presente estudo, foram realizadas estatísticas descritivas para caracterizar os participantes e as variáveis estudadas. Foi analisado o alfa de *Cronbach* de cada instrumento aplicado, de modo

a verificar os níveis de fidelidade. Para determinar se a amostra seguia uma distribuição normal, foi efetuado o Teste Kolmogorov-Smirnov. Os dados revelaram que a amostra não seguia uma distribuição normal sendo, por isso, utilizados testes não paramétricos. Para efetuar as análises estatísticas do DII, foram eliminados três itens que foram englobados no Google Forms, mas que foram excluídos da versão portuguesa.

Recorreu-se ao teste de Mann-Whitney (U) para avaliar as diferenças entre sexos quanto ao consumo de pornografia *online* e ao CPUI-9. Foi utilizado o critério de Cohen para ler o tamanho do efeito, sendo que um coeficiente compreendido entre .10 e .29 significa um baixo efeito, entre .30 e .49 um efeito moderado e entre .50 e 1.0 um efeito elevado (Cohen, 1988, citado em Pallant, 2011). O cálculo do tamanho do efeito é possível através da obtenção do valor de r , através da fórmula $r = z/\sqrt{N}$ (Pallant, 2011).

Adicionalmente, foram realizados testes de correlação, em específico o Coeficiente de Correlação de Spearman (r_s), para verificar a existência de relações entre as variáveis. A magnitude das correlações pode ser considerada de acordo com os seguintes parâmetros: valores inferiores a .20 indicam uma correlação muito fraca, entre .20 e .40 é fraca, entre .40 e .70 é moderada, entre .70 e .90 é forte e valores superiores a .90 indicam correlações muito fortes (Bryman & Cramer, 2009). Foi testada a relação entre o consumo de pornografia *online* com o grau de escolaridade dos pais dos consumidores, com o CPUI-9, com o DII e com a ECVS. Por sua vez, foram testadas as relações entre o CPUI-9 com o DII, com a ECVS e com a idade de exposição e de consumo de pornografia *online*.

Resultados

Análise descritiva do Questionário sobre Padrões de Uso da Internet e Conteúdo

Pornográfico

Em média, os participantes começaram a utilizar a internet aos 10.35 anos ($DP = 2.09$, *variação* = 6-17). Atualmente, referem despende 6 horas diárias ($DP = 3.07$) e 37 horas semanais ($DP = 24.70$) na internet, sendo que a maioria despende mais tempo na internet durante o fim de semana (56%, $n = 28$). Não existiu um controlo da utilização da internet por parte dos pais ou representantes legais com a maioria dos participantes, antes dos mesmos terem completado 18 anos (88%, $n = 44$).

Quanto ao consumo de conteúdos pornográficos, em média, os participantes foram expostos a pornografia *online* aos 12.71 anos ($DP = 2.21$, *variação* = 8-18) e começaram a consumir estes conteúdos aos 14.87 anos ($DP = 2.93$, *variação* = 8-25). Uma grande parte

visualiza pornografia *online* 1 a 2 vezes por semana (42%, $n = 21$) e 3 a 5 vezes por mês (36%, $n = 18$). A maioria dos participantes despende 15 minutos ou menos a consumir pornografia *online* (62%, $n = 31$) e costuma estar sozinho quando o faz (96%, $n = 48$). Os seis participantes que relataram a existência de controlo parental apresentaram resultados semelhantes à maioria dos participantes, com exceção de um indivíduo que apresentou um maior consumo semanal (3-5 vezes), mensal (mais de 11 vezes) e de tempo que passa a visualizar (16-30 minutos). Para além disso, os dados obtidos por este participante no CPUI-9 foram superiores às pontuações médias, que serão apresentadas posteriormente.

Pontuações médias do Cyber Pornography Use Inventory-9 (CPUI-9)

Na Tabela 1, são apresentadas as pontuações médias obtidas no CPUI-9. As dimensões Compulsividade e *Distress* apresentam pontuações médias semelhantes, sendo que na Escala Total surge o valor médio mais elevado.

Tabela 1.

Pontuações médias do CPUI-9 (N = 50)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min-máx	Min-máx teórico
Escala Total	16.72	7.42	9-37	9-63
Compulsividade	6.42	4.13	3-16	3-21
<i>Distress</i>	6.60	3.86	3-20	3-21

Pontuações médias do Dickman Impulsivity Inventory (DII)

Na tabela 2, encontramos as pontuações médias do DII, sendo que se verificam as pontuações mais elevadas na dimensão da Impulsividade Funcional ($M = 12.70$, $DP = 4.27$).

Tabela 2.

Pontuações médias do DII (N = 50)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min-máx	Min-máx teórico
Impulsividade Funcional	12.70	4.27	5-23	0-27
Impulsividade Disfuncional	8.70	4.88	0-22	0-33

Pontuações médias da Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

Como podemos verificar na Tabela 3, a Escala Total apresenta as pontuações médias mais elevadas, seguida pela dimensão Representação Estereotipada da Violência.

Tabela 3.

Pontuações médias da ECVS (N = 50)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min- máx	Min- máx teórico
Escala Total	41.94	10.26	30-83	30-150
Representação Estereotipada da Violência	14.12	2.90	12-27	12-60
Provocação da Vítima	6.94	2.81	5-16	5-25
Consentimento da Vítima	7.46	2.85	4-16	4-20
Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal	6.50	1.75	5-15	5-25
Falsas Alegações	6.92	2.85	4-14	4-20

Diferenças no consumo de pornografia online em função do sexo

Com base nos dados apresentados na Tabela 4, é possível compreender a existência de diferenças estatisticamente significativas no consumo de pornografia *online* em função do sexo. Em específico, o sexo masculino apresentou valores indicativos de um maior consumo por semana e por mês de conteúdos pornográficos, relativamente ao sexo feminino. O tamanho do efeito foi calculado, tendo se verificado um efeito elevado para o consumo semanal ($r = .60$) e mensal ($r = .61$). Quanto ao tempo despendido a visionar pornografia *online*, não foram encontradas diferenças significativamente estatísticas entre homens e mulheres.

Tabela 4.

Diferenças no consumo de pornografia online em função do sexo

	Sexo masculino (n = 25)	Sexo feminino (n = 25)
--	------------------------------------	-----------------------------------

	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
Consumo semanal	33.74	17.26	106.50	<.00
Consumo mensal	33.98	17.02	100.50	<.00
Duração do consumo	28.28	22.72	243.00	.11

Nota. *OM* = Ordem Média; *U* = U de Mann-Whitney; *p* = significância estatística

Diferenças na autopercepção de adição à pornografia (CPUI-9) em função do sexo

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e feminino na escala total do CPUI-9 e nas subescalas Compulsividade e *Distress*, com os homens a apresentar pontuações mais elevadas (Tabela 5). O tamanho do efeito foi elevado na escala total ($r = .50$) e na subescala Compulsividade ($r = .55$), enquanto a subescala *Distress* apresentou um efeito moderado ($r = .40$).

Tabela 5.

Diferenças no CPUI-9 em função do sexo

	Sexo masculino	Sexo feminino	<i>U</i>	<i>p</i>
	(<i>n</i> = 25)	(<i>n</i> = 25)		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
Escala Total	32.78	18.22	130.50	<.00
Compulsividade	33.22	17.78	119.50	<.00
<i>Distress</i>	31.34	19.66	166.50	.00

Nota. *OM* = Ordem Média; *U* = U de Mann-Whitney; *p* = significância estatística

Correlação entre consumo de pornografia online e grau de escolaridade dos pais dos consumidores

Tal como verificamos na Tabela 6, não foram encontradas correlações entre o consumo semanal de pornografia *online* e o grau de escolaridade da mãe ou do pai dos consumidores. A relação entre o consumo mensal e o grau de escolaridade dos progenitores foi não significativa (Tabela 6).

Tabela 6.*Correlação entre consumo de pornografia online e grau de escolaridade dos pais*

	Grau de escolaridade da mãe		Grau de escolaridade do pai	
	r_s	p	r_s	p
Consumo semanal	.14	.35	.03	.82
Consumo mensal	.13	.38	.00	.98

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística***Correlação entre consumo de pornografia online e autopercepção de adição à pornografia online (CPUI-9)***

Foi possível encontrar correlações estatisticamente significativas, positivas e moderadas entre o consumo semanal de pornografia *online* com a escala total do CPUI-9 e com a dimensão Compulsividade [Tabela 7]. Por sua vez, de acordo com a tabela 8, verificaram-se igualmente correlações significativamente positivas e moderadas entre o consumo mensal de pornografia *online* com a escala total e a dimensão Compulsividade.

Tabela 7.*Correlação entre consumo semanal de pornografia online e CPUI-9*

	Consumo semanal de pornografia <i>online</i>	
	r_s	p
Escala Total	.42**	.00
Compulsividade	.55**	<.00
<i>Distress</i>	.15	.28

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística

** A correlação é significativa ao nível 0.01

Tabela 8.*Correlação entre consumo mensal de pornografia online e CPUI-9*

	Consumo mensal de pornografia <i>online</i>	
	r_s	p
Escala Total	.43**	.00
Compulsividade	.57**	<.00
<i>Distress</i>	.13	.36

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística

** A correlação é significativa ao nível 0.01

Correlação entre consumo de pornografia online e níveis de impulsividade (DII)

Foi encontrada uma correlação não significativa entre o consumo semanal e mensal de pornografia *online* com a Impulsividade Funcional e com a Impulsividade Disfuncional (Tabela 9).

Tabela 9.

Correlação entre consumo de pornografia online e Impulsividade Funcional e Disfuncional

	Impulsividade Funcional		Impulsividade Disfuncional	
	r_s	p	r_s	p
Consumo semanal	.21	.15	.12	.41
Consumo mensal	.16	.26	.18	.22

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística

Correlação entre a autopercepção de adição à pornografia online (CPUI-9) e os níveis de impulsividade (DII)

Com base na Tabela 10, verifica-se que não existem correlações significativamente estatísticas entre a autopercepção de adição à pornografia *online* (CPUI-9) e os níveis de impulsividade funcional. Quanto à impulsividade disfuncional, verifica-se que existiu uma correlação fraca, significativa e positiva entre a dimensão Compulsividade e a impulsividade disfuncional [Tabela 10].

Tabela 10.

Correlação entre CPUI-9 e Impulsividade Funcional

	Impulsividade Funcional		Impulsividade Disfuncional	
	r_s	p	r_s	p
Escala Total	.04	.80	.19	.19
Compulsividade	.02	.89	.30*	.03
Distress	.11	.46	.05	.71

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística

* A correlação é significativa no nível 0.05

Correlação entre idade de exposição e de consumo de pornografia online e autopercepção de adição à pornografia online (CPUI-9)

Tal como podemos verificar através dos dados da Tabela 11, apenas foi possível encontrar uma correlação fraca, negativa e estatisticamente significativa entre a idade de exposição à pornografia *online* e a dimensão Compulsividade. Na Tabela 12, verificamos que a idade de consumo por vontade própria de pornografia *online* está negativamente correlacionada com a escala total do CPUI-9 e com a dimensão Compulsividade, sendo correlações fracas.

Tabela 11.

Correlação entre idade de exposição à pornografia online e CPUI-9

	Idade de exposição à pornografia <i>online</i>	
	<i>r_s</i>	<i>p</i>
Escala Total	-.21	.15
Compulsividade	-.30*	.04
<i>Distress</i>	-.07	.64

Nota. *r_s* = magnitude do coeficiente de Spearman; *p* = significância estatística

* A correlação é significativa no nível 0.05

Tabela 12.

Correlação entre idade de consumo de pornografia online e CPUI-9

	Idade de consumo de pornografia <i>online</i>	
	<i>r_s</i>	<i>p</i>
Escala Total	-.28*	.05
Compulsividade	-.35*	.01
<i>Distress</i>	-.05	.75

Nota. *r_s* = magnitude do coeficiente de Spearman; *p* = significância estatística

* A correlação é significativa no nível 0.05

Correlação entre consumo de pornografia online e crenças permissivas de violência sexual (ECVS)

Os dados apresentados na Tabela 13 indicam que existe uma correlação fraca e positiva entre o consumo semanal de pornografia *online* e a dimensão Provocação da Vítima.

Na Tabela 14, verifica-se que existem fracas correlações positivas e estatisticamente significativas entre o consumo mensal com a escala total e com a dimensão Provocação da Vítima.

Tabela 13.

Correlação entre consumo semanal de pornografia online e ECVS

	Consumo semanal de pornografia <i>online</i>	
	<i>r_s</i>	<i>p</i>
Escala Total	.22	.12
Representação Estereotipada da Violência	.19	.19
Provocação da Vítima	.32*	.02
Consentimento da Vítima	.13	.35
Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal	-.05	.74
Falsas Alegações	.14	.34

Nota. *r_s* = magnitude do coeficiente de Spearman; *p* = significância estatística

* A correlação é significativa no nível 0.05

Tabela 14.

Correlação entre consumo mensal de pornografia online e ECVS

	Consumo mensal de pornografia <i>online</i>	
	<i>r_s</i>	<i>p</i>
Escala Total	.33*	.02
Representação Estereotipada da Violência	.21	.13
Provocação da Vítima	.36*	.01
Consentimento da Vítima	.26	.06
Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal	.01	.94
Falsas Alegações	.24	.09

Nota. *r_s* = magnitude do coeficiente de Spearman; *p* = significância estatística

* A correlação é significativa no nível 0.05

Correlação entre autopercepção de adição à pornografia online (CPUI-9) e crenças permissivas de violência sexual (ECVS)

Tal como apresenta a Tabela 15, foi possível encontrar uma correlação positiva, fraca e estatisticamente significativa entre a Escala Total do CPUI-9 com a Escala Total da ECVS e com a dimensão Provocação da Vítima. Por sua vez, a escala Compulsividade do CPUI-9 correlacionou-se positivamente e de magnitude fraca com as dimensões Representação Estereotipada da Violência e Provocação da Vítima.

Tabela 15.

Correlação entre CPUI-9 e ECVS

	Escala Total – CPUI-9		Compulsividade (CPUI-9)		Distress (CPUI-9)	
	r_s	p	r_s	p	r_s	p
Escala Total – ECVS	.28*	.05	.25	.08	.19	.19
Representação Estereotipada da Violência (ECVS)	.22	.13	.28*	.05	.05	.71
Provocação da Vítima (ECVS)	.35*	.01	.38**	.01	.21	.14
Consentimento da Vítima (ECVS)	.13	.36	.06	.69	.12	.40
Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal (ECVS)	.25	.08	.16	.26	.22	.13
Falsas Alegações (ECVS)	.24	.10	.18	.20	.22	.12

Nota. r_s = magnitude do coeficiente de Spearman; p = significância estatística

** A correlação é significativa ao nível 0.01; * A correlação é significativa no nível 0.05

Discussão

O Questionário sobre Padrões de Utilização da Internet e Conteúdo Pornográfico permitiu compreender que a maioria dos participantes começou a utilizar a internet, em média, aos 10 anos. Para além disso, para a maioria (88%) não existiu um controlo parental dos conteúdos visionados *online* antes de completarem 18 anos. A exposição à pornografia *online* ocorreu, em média, aos 13 anos e o consumo voluntário destes conteúdos foi, em média, aos 15 anos. Em específico, existiram três participantes que foram expostos a estes conteúdos com apenas 8 anos e um dos participantes começou também a consumir pornografia *online* aos 8 anos. Estes dados revelam que o acesso à pornografia *online*, dirigida para a população adulta, foi feita de forma significativamente precoce. A imaturidade cognitiva inerente ao estágio cognitivo em que as crianças/adolescentes se encontram, limitam o processamento do conteúdo que visualizam (Hornor, 2020). Em específico, não têm a capacidade para compreender que o que acontece na pornografia é diferente na vida real (Baams et al., 2015). Assim, e tal como é referido na literatura, a exposição precoce a este tipo de conteúdos poderá estar associada à alteração errónea das crianças acerca das relações íntimas e, consequentemente, levar ao desenvolvimento de um uso problemático da pornografia *online* (Brown et al., 2017; Harper & Hodgins, 2016; Peter & Valkenburg). Para além disso, no caso dos adolescentes poderá levar à prática de comportamentos sexuais agressivos (Ybarra et al., 2011).

Em relação ao CPUI-9, as pontuações médias obtidas neste estudo foram superiores em relação ao estudo da validação portuguesa (Cardoso et al., 2019). No DII, a dimensão da impulsividade funcional obteve as pontuações médias mais elevadas comparativamente com a dimensão disfuncional. Quanto à ECVS, a dimensão Representação Estereotipada da Violência foi a que obteve a pontuação média mais elevada. Contudo, o valor não foi significativo, considerando que se encontra distante do valor máximo possível.

O sexo masculino apresentou um consumo mais elevado de pornografia *online*, em termos semanais e mensais, o que comprova a H1. Estes dados vão ao encontro de diversos estudos previamente realizados que dão conta da maior prevalência de consumo de pornografia entre os homens (Price et al., 2016; Regnerus et al., 2016; Vaillancourt-Morel et al., 2017). Adicionalmente, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos na escala total do CPUI-9 e nas subescalas Compulsividade e *Distress*, sendo que os homens apresentaram pontuações mais elevadas. Tal também se verificou na validação portuguesa, com exceção da dimensão *Distress* que foi substituída pela dimensão Esforço de Acessibilidade com pontuações mais elevadas (Cardoso et al., 2019).

Foi possível verificar que uma maior frequência de consumo de pornografia *online* estava associada a uma maior autopercepção de adição à pornografia *online*, comprovando-se assim a H2. Em específico, verificaram-se correlações positivas e estatisticamente significativas entre o consumo semanal e mensal com a escala total do CPUI-9 e as dimensões Compulsividade e Esforço de Acessibilidade, tal como é verificado na literatura científica (Harper & Hodgins, 2016). Por sua vez, foi possível comprovar, em certa parte, a H3, na medida em que foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre a dimensão Compulsividade (CPUI-9) e a impulsividade disfuncional. Esta relação já foi verificada na literatura, na medida em que a compulsividade e a impulsividade surgem na base das adições comportamentais (Everitt & Robbins, 2016).

Relativamente à exposição precoce à pornografia *online* e em específico à H4, verificou-se apenas uma correlação negativa entre a idade de exposição à pornografia *online* e a dimensão Compulsividade (CPUI-9). Deste modo, quanto menor for a idade de exposição, maior a compulsividade, significando que os indivíduos apresentaram dificuldades no autocontrolo relativa à visualização de pornografia *online*. Quanto à idade de início de consumo de pornografia *online*, esta variável correlacionou-se negativamente com o total do CPUI-9 e com a dimensão Compulsividade. Isto significa que, quanto menor a idade de consumo de pornografia *online* por vontade própria, maior será a autopercepção de adição à pornografia *online* e maior a compulsividade. Num estudo com 1528 jovens adultos heterossexuais, Štulhofer e colaboradores (2008) procuraram testar a hipótese de que a exposição precoce à pornografia seria um fator de risco para a compulsividade sexual. Não encontraram resultados significativos que permitissem validar a hipótese, concluindo que a exposição precoce não foi um fator explicativo para os níveis de compulsividade sexual (Štulhofer et al., 2008). Contudo, é possível afirmar que a exposição precoce está associada ao uso problemático de pornografia *online*, que é caracterizado por um consumo compulsivo destes conteúdos que se traduzem em consequências negativas para o próprio (Harper & Hodgins, 2016; Hornor, 2020).

Por sua vez, os consumos semanais e mensais de pornografia *online* estiveram positivamente correlacionados com a dimensão Provocação da Vítima da EVCS. Para além disso, o consumo mensal apresentou uma correlação significativa positiva com a escala total da EVCS. Assim, não foi possível comprovar na íntegra a H5, na medida em que apenas a dimensão Provocação da Vítima (EVCS) apresentou uma correlação com o consumo semanal e mensal. Isto significa que, uma maior frequência de consumo de pornografia *online* poderá estar associada a crenças que legitimam a violência sexual devido a comportamentos passados

da vítima ou a sua exposição a fatores de risco (e.g., convívio em locais noturnos com reputação negativa). Este achado poderá estar associado com as crenças tradicionais e machistas dos papéis de género exacerbadas pelo subtipo de pornografia *online* violenta, que perpetua a ideia de que, em específico, uma mulher não deveria frequentar locais noturnos e, por isso, se tal acontece, a mesma deveria ser responsabilizada por se colocar em risco e possivelmente ser vítima de violência sexual (Malamuth et al., 2000; Munsch & Willer, 2012). Adicionalmente, foi possível encontrar uma relação entre o total do CPUI-9 com o total da ECVS e a dimensão Provocação da Vítima. Isto quer dizer que, quanto maior for o nível de autoperceção de adição à pornografia *online*, maior será a aceitação de crenças permissivas de violência sexual, em específico às que defendem que certas condutas da vítima que justificam a violência sexual (e.g., sair sozinha durante a noite).

No que diz respeito às questões de investigação, não foi possível encontrar uma relação entre o consumo semanal/mensal de pornografia *online* e o grau de escolaridade dos pais dos consumidores (Q1). Isto poderá revelar que as características sociodemográficas dos pais não influenciam os padrões de consumo de pornografia *online* dos filhos. Por fim, de modo a responder à Q2, não existiu uma relação entre o consumo semanal/mensal de pornografia *online* com as dimensões Impulsividade Funcional e Disfuncional. Tal significa que, ao contrário da autoperceção de adição à pornografia *online*, o consumo destes materiais não está associado a nenhuma das vertentes da impulsividade, em específico da disfuncional.

Conclusões

O presente estudo pretendia explorar os correlatos psicossociais do consumo de pornografia *online*, juntamente com a relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual, numa amostra de estudantes do ensino superior. O consumo de pornografia *online* ainda surge como um assunto tabu, principalmente no contexto português, caracterizado pela cultura religiosa, que condena esses conteúdos. Embora a existência de restrições morais, verificou-se, no presente estudo, que a exposição precoce a estes conteúdos perdura, sendo importante sensibilizar os pais/responsáveis legais, educadores e os próprios jovens dos riscos que advém dessa exposição, nomeadamente a aceitação de crenças permissivas de violência sexual.

Devido à sensibilidade do tema, compreende-se que a principal limitação do estudo se refere ao número reduzido de participantes ($N = 50$), que inviabilizou a possibilidade de realizar determinadas análises estatísticas e, por isso, de testar algumas hipóteses. Em específico, pretendia-se explorar outras variáveis sociodemográficas, como a orientação sexual e a religião,

de modo a melhor caracterizar o perfil dos participantes que visionam pornografia *online*. Porém, tal não foi possível devido ao *n* insuficiente em cada subgrupo. Devido a isso, também não foi possível compreender se existiam diferenças no consumo de pornografia *online* em função do estado civil dos pais e do controlo parental relativo à utilização da internet. Adicionalmente, não é possível efetuar generalizações acerca dos resultados encontrados. O valor extremamente baixo do alfa da dimensão Esforço de Acessibilidade ($\alpha = .14$) do CPUI-9 apresenta-se como outra limitação, na medida em que essa dimensão teve de ser excluída das análises estatísticas.

Como potencialidades, destaca-se a abordagem da pornografia *online* que, tal como foi referido anteriormente, é uma temática sensível e que ainda não reúne uma panóplia de estudos em Portugal. Adicionalmente, a elaboração do Questionário sobre Padrões de Utilização da Internet e Conteúdo Pornográfico, por parte da equipa de investigação, surge como uma mais-valia, na medida em que permite compreender aspetos relativos ao uso de internet e, em específico, da pornografia *online* e, deste modo, permite uma caracterização mais detalhada dos participantes.

Quanto às implicações futuras, sugere-se a continuidade de estudos acerca da temática com uma amostra representativa do contexto português, de modo a caracterizar quantitativa e qualitativamente o consumo de pornografia *online* dos portugueses e possibilitar uma melhor compreensão da possível relação com as crenças e práticas de violência sexual. Para além disso, seria interessante ir além da exploração dos correlatos psicossociais e compreender quais poderão ser os preditores deste consumo. No âmbito clínico, torna-se importante que os psicólogos, juntamente com a comunidade escolar, trabalhem com os pais/responsáveis legais, de modo a incentivar o controlo dos conteúdos digitais que a população infantojuvenil visualiza. Na presente investigação, existiram resultados indicativos de uma exposição precoce à pornografia *online*, que acarreta diversas implicações emocionais, comportamentais e sociais para os indivíduos que ainda não possuem a capacidade cognitiva de processar esses conteúdos. Torna-se assim importante que os responsáveis legais invistam na monitorização dos dispositivos móveis acedidos por crianças, através da criação de palavras-passe para restringir conteúdos impróprios, ativação do modo infantil e do uso da internet em espaços comuns da casa, estando sempre disponíveis para conversarem acerca da utilidade e dos perigos do mundo digital.

Referências

- Allen, A., Kannis-Dymand, L., & Katsikitis, M. (2017). Problematic internet pornography use: The role of craving, desire thinking, and metacognition. *Addictive Behaviors, 70*, 65–71. <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.02.001>
- American Psychological Association. (2007). Report of the APA task force on the sexualization of girls. American Psychological Association. www.apa.org/pi/wpo/sexualization.html
- Antons, S., & Brand, M. (2018). Trait and state impulsivity in males with tendency towards Internet-pornography-use disorder. *Addictive Behaviors, 79*, 171–177. <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.12.029>
- Baams, L., Overbeek, G., Dubas, J., Doornwaard, S., Rommes, E., & Van Aken, M. (2015). Perceived realism moderates the relation between sexualized media consumption and permissive sexual attitudes in Dutch adolescents. *Archives of Sexual Behavior, 44*(3), 743–754. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-014-0443-7>
- Baltazar, A., Helm, H., McBride, D., Hopkins, G., & Stevens, J. (2010). Internet pornography use in the context of external and internal religiosity. *Journal of Psychology and Theology, 38*(1), 32–40. <http://dx.doi.org/10.1177/009164711003800103>
- Boies, S. (2002). University students' uses of and reactions to online sexual information and entertainment: Links to online and offline sexual behavior. *The Canadian Journal of Human Sexuality, 11*(2), 77–89.
- Bóthe, B., Bartók, R., Tóth-Király, I., Reid, R., Griffiths, M., Demetrovics, Z., & Orosz, G. (2018). Hypersexuality, gender, and sexual orientation: A large-scale psychometric survey study. *Archives of Sexual Behavior, 47*(8), 2265–2276. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-018-1201-z>
- Bóthe, B., Tóth-Király, I., Potenza, M., Griffiths, M., Orosz, G., & Demetrovics, Z. (2019). Revisiting the role of impulsivity and compulsivity in problematic sexual behaviors. *The Journal of Sex Research, 56*(2), 166–179. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2018.1480744>
- Bridges, A., Sun, C., Ezzell, M., & Johnson, J. (2016). Sexual scripts and the sexual behavior of men and women who use pornography. *Sexualization, Media, & Society, 2*(4), 983–994. <http://dx.doi.org/10.1177/2374623816668275>
- Brown, C., Conner, S., & Vennum, A. (2017). Sexual attitudes of classes of college students who use pornography. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 20*(8), 463–469. <http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2016.0362>

- Brown, C., Durtschi, J., Carroll, J., & Willoughby, B. (2017). Understanding and predicting classes of college students who use pornography. *Computers in Human Behavior, 66*, 114–121. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.09.008>
- Bryman, A., & Cramer, D. (2009). *Quantitative data analysis with SPSS 14, 15 & 16: A guide for social scientists*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Campbell, L., & Kohut, T. (2017). The use and effects of pornography in romantic relationships. *Current Opinion in Psychology, 13*, 6–10. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.004>
- Cardoso, J., Ramos, C., & Almeida, T. (2019). Portuguese version of the cyber pornography use inventory-9: Psychometric properties and gender invariance. *Journal of Sex & Marital Therapy, 45*(7), 594–603. <http://dx.doi.org/10.1080/0092623X.2019.1594477>
- Cardoso, J., Ramos, C., Brito, J., Almeida, T. (2022). Predictors of Pornography Use: Difficulties in Emotion Regulation and Loneliness. *The Journal of Sexual Medicine, 19*, 620–628.
- Castro, R., & Lins, S. (2021). How human values relate to attitudes toward pornography: A Portuguese survey. *International Journal of Sexual Health, 33*(2), 229–235. <http://dx.doi.org/10.1080/19317611.2021.1888839>
- Dartnall, E., & Jewkes, R. (2013). Sexual violence against women: The scope of the problem. *Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology, 27*(1), 3–13. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bpobgyn.2012.08.002>
- Dickman, S. (1990). Functional and dysfunctional impulsivity: Personality and cognitive correlates. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(1), 95–102. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.58.1.95>
- Dillard, R., Maguire-Jack, K., Showalter, K., Wolf, K., & Letson, M. (2019). Abuse disclosures of youth with problem sexualized behaviors and trauma symptomology. *Child Abuse & Neglect, 88*, 201–211. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.11.019>
- Efrati, Y., & Amichai-Hamburger, Y. (2019). The use of online pornography as compensation for loneliness and lack of social ties among Israeli adolescents. *Psychological Reports, 122*(5), 1865–1882. <http://dx.doi.org/10.1177/0033294118797580>
- Esplin, C., Hatch, S., Hatch, H., Deichman, C., & Braithwaite, S. (2021). What motives drive pornography use? *The Family Journal, 29*(2), 161–174. <http://dx.doi.org/10.1177/1066480720956640>

- Everitt, B., & Robbins, T. (2016). Drug addiction: Updating actions to habits to compulsions ten years on. *Annual Review of Psychology*, 67(1), 23–50.
<http://dx.doi.org/10.1146/annurev-psych-122414-033457>
- Flood, M. (2009). The harms of pornography exposure among children and young people. *Child Abuse Review*, 18(6), 384–400. <http://dx.doi.org/10.1002/car.1092>
- Foubert, J., Blanchard, W., Houston, M., & Williams, R. (2019). Pornography and sexual violence. In W. O’Donohue & P. Schewe (Eds.), *Handbook of sexual assault and sexual assault prevention* (pp. 109-127). Springer.
- Freese, B., Moya, M., & Megías, J. (2004). Social perception of rape: How rape myth acceptance modulates the influence of situational factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 9, 143-161. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260503260245>
- Gagnon, J., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Aldine.
- Giménez-García, C., Nebot-García, J., Ruiz-Palomino, E., García-Barba, M., & Ballester-Arnal, R. (2021). Spanish women and pornography based on different sexual orientation: An analysis of consumption, arousal, and discomfort by sexual orientation and age. *Sexuality Research and Social Policy*, 19(3), 1228–1240.
<http://dx.doi.org/10.1007/s13178-021-00617-3>
- Giménez-García, C., Ruiz-Palomino, E., Gil-Llario, M., & Ballester-Arnal, R. (2020). Online sexual activities in Hispanic women: A chance for non-heterosexual women? *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 25(1), 41–47.
<http://dx.doi.org/10.5944/rppc.25399>
- Grubbs, J., Volk, F., Exline, J. & Pargament, K. (2015). Internet pornography use: Perceived addiction, psychological distress, and the validation of a brief measure. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(1), 83–106. <http://dx.doi.org/10.1080/0092623X.2013.842192>
- Grubbs, J., Wright, P., Braden, A., Wilt, J., & Kraus, S. (2019). Internet pornography use and sexual motivation: A systematic review and integration. *Annals of the International Communication Association*, 43(2), 117–155.
<http://dx.doi.org/10.1080/23808985.2019.1584045>
- Hald, G., & Malamuth, M. (2015). Experimental effects of exposure to pornography: The moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 44(1), 99–109.

- Hald, G., Malamuth, N., & Yuen, C. (2010). Pornography and attitudes supporting violence against women: Revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior*, 36(1), 14–20. <http://dx.doi.org/10.1002/ab.20328>
- Harper, C., & Hodgins, D. (2016). Examining correlates of problematic internet pornography use among university students. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(2), 179–191. <http://dx.doi.org/10.1556/2006.5.2016.022>
- Hornor, G. (2020). Child and adolescent pornography exposure. *Journal of Pediatric Health Care*, 34(2), 191–199. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pedhc.2019.10.001>
- Kohut, T., Fisher, W., & Campbell, L. (2017). Perceived effects of pornography on the couple relationship: Initial findings of open-ended, participant-informed, "bottom-up" research. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 585–602. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-016-0783-6>
- Kor, A., Zilcha-Mano, S., Fogel, Y., Mikulincer, M., Reid, R., & Potenza, M. (2014). Psychometric development of the problematic pornography use scale. *Addictive Behaviors*, 39(5), 861–868. <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2014.01.027>
- Krahe, B. (2018). Violence against women. *Current Opinion in Psychology*, 19, 6–10. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.017>
- Landripet, I., & Štulhofer, A. (2015). Is pornography use associated with sexual difficulties and dysfunctions among younger heterosexual men? *The Journal of Sexual Medicine*, 12(5), 1136–1139. <http://dx.doi.org/10.1111/jsm.12853>
- Lopes, A. (2014). Netporn – Implicações no tipo de atitudes sexuais e crenças sobre a violência sexual. *Psique*, 10, 51–90.
- Maia, B. R. & Conceição, B. (2023). Online pornography use in Portuguese university students: Preliminary results. *20th International ESCAP Conference*. Copenhagen, Dinamarca (29/06 a 01/07).
- Malamuth, N., Addison, T., & Koss, M. (2000). Pornography and sexual aggression: Are there reliable effects and can we understand them? *Annual Review of Sex Research*, 11, 26–91.
- Malamuth, N., & Ceniti, J. (1985). Repeated exposure to violent and nonviolent pornography: Likelihood of raping ratings and laboratory aggression against women. *Aggressive Behavior*, 12(2), 129-137.
- Malamuth, N., & Check, J. (1984). Debriefing effectiveness following exposure to pornographic rape depictions. *The Journal of Sex Research*, 20(1), 1–13.


- Malamuth, N., Heim, M., & Feshbach, S. (1980). Sexual responsiveness of college students to rape depictions: Inhibitory and disinhibitory affects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(3), 399-408.
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1-2), 177-191.
<http://dx.doi.org/10.14417/ap.546>
- McKee, A. (2007). The positive and negative effects of pornography as attributed by consumers. *Australian Journal of Communication*, 34(1), 87-104.
- Miranda, M., Fernandes, F., Melo, R., & Meireles, R. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: Uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 54, e03633. <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2019013303633>
- Munsch, C., & Willer, R. (2012). The role of gender identity threat in perceptions of date rape and sexual coercion. *Violence Against Women*, 18(10), 1125-1146.
<http://dx.doi.org/10.1177/1077801212465151>
- Nelson, L., Padilla-Walker, L., & Carroll, J. (2010). “I believe it is wrong but I still do it”: A comparison of religious young men who do versus do not use pornography. *Psychology of Religion and Spirituality*, 2(3), 136-147.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0019127>
- Owens, E., Behun, R., Manning, J., & Reid, R. (2012). The impact of internet pornography on adolescents: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 19(1-2), 99-122. <http://dx.doi.org/10.1080/10720162.2012.660431>
- Okabe, Y., Takahashi, F., & Ito, D. (2021). Problematic pornography use in Japan: A preliminary study among university students. *Frontiers in Psychology*, 12, 638354.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.638354>
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS*. Allen & Unwin.
- Pechorro, P., Revilla, R., Resende, M., Gonçalves, R., Nunes, C., & Cyders, M. (2021). The Dickman Impulsivity Inventory: Validation and measurement invariance among Portuguese young adults. *PLoS ONE*, 16(12), e0260621.
<http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0260621>
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2008). Adolescents’ exposure to sexually explicit internet material and sexual preoccupation: A three-wave panel study. *Media Psychology*, 11, 207-234. <http://dx.doi.org/10.1080/15213260801994238>

- Price, J., Patterson, R., Regnerus, M., & Walley, J. (2016). How much more XXX is generation X consuming? Evidence of changing attitudes and behaviors related to pornography since 1973. *The Journal of Sex Research*, 53(1), 12–20.
<http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2014.1003773>
- Regnerus, M., Gordon, D., & Price, J. (2016). Documenting pornography use in America: A comparative analysis of methodological approaches. *The Journal of Sex Research*, 53(7), 873–881. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2015.1096886>
- Rasmussen, K. (2016). A historical and empirical review of pornography and romantic relationships: Implications for family researchers. *Journal of Family Theory & Review*, 8(2), 173–191. <http://dx.doi.org/10.1111/jftr.12141>
- Schank, R., & Ableson, R. (1977). *Scripts, plans, goals and understanding: An inquiry into human knowledge structures*. Lawrence Erlbaum.
- Seto, M., Maric, A., & Barbaree, H. (2001). The role of pornography in the etiology of sexual aggression. *Aggression and Violent Behavior*, 6(1), 35–53.
[http://dx.doi.org/10.1016/S1359-1789\(99\)00007-5](http://dx.doi.org/10.1016/S1359-1789(99)00007-5)
- Štulhofer, A., Jelovica, V., & Ružić, J. (2008). Is early exposure to pornography a risk factor for sexual compulsivity? Findings from an online survey among young heterosexual adults. *International Journal of Sexual Health*, 20(4), 270–280.
<http://dx.doi.org/10.1080/19317610802411870>
- Sun, C., Bridges, A., Johnson, J., & Ezzell, M. (2016). Pornography and the male sexual script: An analysis of consumption and sexual relations. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 983–994. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-014-0391-2>
- Sun, C., Ezzell, M., & Kendall, O. (2017). Naked aggression: The meaning and practice of ejaculating on a woman's face. *Violence Against Women*, 23(14), 1710–1729.
<http://dx.doi.org/10.1177/1077801216666723>
- Twohig, M., Crosby, J., & Cox, J. (2009). Viewing Internet pornography: For whom is it problematic, how, and why? *Sexual Addiction & Compulsivity*, 16(4), 253–266.
<http://dx.doi.org/10.1080/10720160903300788>
- Vaillancourt-Morel, M., Blais-Lecours, S., Labadie, C., Bergeron, S., Sabourin, S., & Godbout, N. (2017). Profiles of cyberpornography use and sexual well-being in adults. *Journal of Sexual Medicine*, 14(1), 78–85.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.10.016>

- Vera-Gray, F., McGlynn, C., Kureshi, I., & Butterby, K. (2021). Sexual violence as a sexual script in mainstream online pornography. *The British Journal of Criminology*, *61*(5), 1243–1260. <http://dx.doi.org/10.1093/bjc/azab035>
- Wiederman, M. (2015). Sexual Script Theory: Past, Present, and Future. In J. DeLamater & R. Plante (Eds.), *Handbook of the Sociology of Sexualities* (pp. 7–22). Springer.
- Willoughby, B., Busby, D., & Young-Petersen, B. (2019). Understanding associations between personal definitions of pornography, using pornography, and depression. *Sexuality Research and Social Policy*, *16*(3), 342–356. <http://dx.doi.org/10.1007/s13178-018-0345-x>
- Whitfield, T., Rendina, H., Grov, C., & Parsons, J. (2018). Viewing sexually explicit media and its association with mental health among gay and bisexual men across the US. *Archives of Sexual Behavior*, *47*(4), 1163–1172.
- Wright, P., & Tokunaga, R. (2016). Men’s objectifying media consumption, objectification of women, and attitudes supportive of violence against women. *Archives of Sexual Behavior*, *45*(4), 955–964. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-015-0644-8>
- Ybarra, M., Mitchell, K., Hamburger, M., Diener-West, M., & Leaf, P. (2011). X-rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescents: Is there a link? *Aggressive Behavior*, *37*(1), 1–18. <http://dx.doi.org/10.1002/ab.20367>

Anexos

Anexo A – Pedido de autorização dos instrumentos

 Outlook

Re: Autorização para a utilização do Cyber Pornography Use Inventory-9

De Jorge Cardoso <jorgecardoso.psi@gmail.com>
Data seg, 15/05/2023 17:37
Para Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt>
Cc Berta Maria Marinho Rodrigues Maia <bmaia@ucp.pt>

Boa tarde,

Dou, com todo o prazer, autorização para a utilização da versão portuguesa do CPUI-9.


Votos de bom trabalho.
Cumprimentos,
Jorge Cardoso

Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt> escreveu no dia sexta, 12/05/2023 à(s) 14:36:
Excelentíssimo Professor Doutor Jorge Cardoso,

Sou aluna do 1.º ano de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Católica Portuguesa, em Braga. No âmbito do meu pré-projeto de dissertação e sob a orientação da Professora Doutora Berta Maia, pretendo explorar a temática do consumo de pornografia *online*. Deste modo, gostaria de solicitar a autorização para a utilização do *Cyber Pornography Use Inventory-9* (CPUI-9). Acrescento que, no ano passado, me concedeu a respetiva autorização, por isso não seria necessário o envio dos itens e da grelha de cotação.

Desde já, agradeço a atenção.

Com os melhores cumprimentos,
Bruna Conceição

 Outlook

Re: Autorização da utilização do Inventário de Impulsividade de Dickman

De Pedro Pechorro <ppechorro@gmail.com>
Data qua, 05/07/2023 15:06
Para Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt>
Cc Berta Maria Marinho Rodrigues Maia <bmaia@ucp.pt>

Cara Bruno

Pode utilizar a validação portuguesa do DII.

Penso que os itens em português estão em anexo no artigo, bastando colocar no formato likert adequado.
Se não conseguir encontrar diga.

Cumprimentos,
Pedro Pechorro

Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt> escreveu no dia quarta, 5/07/2023 à(s) 14:58:
Excelentíssimo Professor Doutor Pedro Pechorro,

Sou aluna do 1.º ano de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Católica Portuguesa, em Braga. No âmbito do meu pré-projeto de dissertação e sob a orientação da Professora Doutora Berta Maia, pretendo explorar os preditores do consumo de pornografia *online*. Deste modo, gostaria de solicitar a autorização para a utilização do Inventário de Impulsividade de Dickman (*Dickman Impulsivity Inventory*). Caso me conceda a autorização, agradeço que me envie quer o inventário, quer a grelha de cotação.

Desde já, agradeço a atenção.

Com os melhores cumprimentos,
Bruna Conceição

Re: Autorização da utilização da Escala de Crenças sobre Violência Sexual

De Sónia Martins <scostamartins@gmail.com>

Data qua, 17/05/2023 09:28

Para Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt>

Bom dia. Autorização concedida. Encontra tudo na tese que está na biblioteca da universidade do Minho.

Bom trabalho.

SM

A sexta, 12/05/2023, 15:42, Bruna Daniela Fernandes Conceição <s-bdconceicao@ucp.pt> escreveu:

Excelentíssima Professora Doutora Sónia Martins,

Sou aluna do 1.º ano de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Católica Portuguesa, em Braga. No âmbito do meu pré-projeto de dissertação e sob a orientação da Professora Doutora Berta Maia, pretendo explorar a relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual. Deste modo, gostaria de solicitar a autorização para a utilização da Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). Caso me conceda a autorização, agradeço que me envie quer a escala, quer a grelha de cotação.

Desde já, agradeço a atenção.

Com os melhores cumprimentos,
Bruna Conceição

Anexo B – Questionário do Google Forms

Consumo de pornografia *online*: preditores psicossociais e relação com crenças sobre violência sexual numa amostra de estudantes do ensino superior

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Católica de Braga, está a ser realizado um estudo que apresenta dois objetivos gerais: (1) exploração dos principais fatores psicossociais explicativos do consumo de pornografia *online* e (2) exploração da relação entre o consumo de pornografia *online* e as crenças sobre violência sexual.

A presente investigação destina-se a **estudantes do ensino superior**, com idades compreendidas entre os **18 e 30 anos**, de **nacionalidade portuguesa** e que tenham **visualizado intencionalmente pornografia *online* há menos de 6 meses**. Deste modo, se corresponder a estes critérios, convidamo-lo(a) a preencher um conjunto de questionários de autorresposta, que demorarão cerca de 10 minutos a responder. As questões/variáveis são da estrita responsabilidade da aluna não vinculando a Universidade Católica Portuguesa.

A sua participação é voluntária e, por isso, pode abandoná-la em qualquer momento. Se decidir participar, será garantida a total confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Todos os procedimentos éticos serão assegurados, tal como os de proteção de dados. Leia atentamente todas as questões apresentadas e responda de acordo com as instruções. Não existem respostas certas ou erradas, por isso pedimos-lhe que responda a todas as questões com a maior sinceridade possível.

Agradecemos a sua colaboração.

Em caso de dúvida, pode contactar a equipa responsável através do e-mail: bdconceicao@ucp.pt.

Sob a orientação da Prof^a Doutora Berta Rodrigues Maia (bmaia@ucp.pt)

Consentimento informado *

- Declaro que aceito participar neste projeto de investigação. Fui informado(a) acerca da natureza do estudo, da participação voluntária e da confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos.

Questionário Sociodemográfico e Familiar

1 - Sexo *

- Feminino
- Masculino
- Outra: _____

2 - Idade *

A sua resposta _____

3 - Nacionalidade *

A sua resposta _____

4 - Orientação sexual *

- Homossexual
- Heterossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Assexual
- Outra: _____

5 - Estado civil *

- Solteiro(a), sem relação amorosa
- Solteiro(a), mas numa relação amorosa
- União de facto
- Casado(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)

6 - É religioso(a)? *

Sim

Não

7 - Qual o grau de ensino que frequenta? *

Licenciatura

Pós-graduação

Mestrado

Doutorado

8 - Qual é o ano que frequenta? *

1º

2º

3º

4º

5º

6º

9 - Qual é o curso que frequenta? *

A sua resposta _____

10 - Os seus pais vivem juntos ou são casados um com o outro? *

Sim

Não

11 - Qual é o grau de escolaridade da sua mãe? *

- Ensino básico - 1º ciclo (1º ao 4º ano)
- Ensino básico - 2º ciclo (5º e 6º ano)
- Ensino básico - 3º ciclo (7º ao 9º ano)
- Ensino secundário
- Ensino superior
- Sem escolaridade
- Outra: _____

12 - Qual é o grau de escolaridade do seu pai? *

- Ensino básico - 1º ciclo (1º ao 4º ano)
- Ensino básico - 2º ciclo (5º e 6º ano)
- Ensino básico - 3º ciclo (7º ao 9º ano)
- Ensino secundário
- Ensino superior
- Sem escolaridade
- Outra: _____

Questionário sobre Padrões de Uso da Internet e Conteúdo Pornográfico

1 - Com que idade começou a usar a internet? *

A sua resposta _____

2 - Em média, quantas horas despende por dia na internet? *

A sua resposta _____

3 - Em média, quantas horas despende por semana na internet? *

A sua resposta _____

4 - Sente que despende mais tempo seguido na internet durante a semana ou ao fim de semana? *

- Semana
- Fim de semana

5 - Antes de completar 18 anos, os seus pais ou representantes legais controlavam/supervisionavam o seu uso da internet? *

- Sim
- Não

6 - Com que idade foi exposto(a) a pornografia online, pela primeira vez? *

A sua resposta _____

7 - Com que idade começou a ver/consumir pornografia online? *

A sua resposta _____

8 - Visualizou/consumiu pornografia online nos últimos 6 meses? *

Sim

Não

9 - Em média, quantas vezes por semana vê/consome pornografia online? *

0 vezes

1-2 vezes

3-5 vezes

6-10 vezes

11+ vezes

10 - Em média, quantas vezes por mês vê/consome pornografia online? *

0 vezes

1-2 vezes

3-5 vezes

6-10 vezes

11+ vezes

11 - Em média, quanto tempo despende a visualizar/consumir pornografia online? *

- 15 minutos ou menos
- 16-30 minutos
- 31-59 minutos
- 1-2 horas
- 2-3 horas
- >3 horas

12 - Na maioria do tempo, com quem costuma ver/consumir pornografia online? *

- Sozinho(a)
- Com um(a) parceiro(a) íntimo(a)
- Com amigos
- Com estranhos, encontro online, webcam
- Outra: _____

Cyber Pornography Use Inventory-9 (CPUI-9)

(Grubbs et al., 2015; Cardoso et al., 2019)

Por favor, indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações. *

	1 - Nunca	2 - Quase Nunca	3 - Às vezes	4 - Algumas Vezes	5 - Muitas Vezes	6 - Quase Sempre	7 - Sempre
1. Acho que estou viciado/a em pornografia online.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Mesmo quando não quero recorrer a pornografia online, sinto-me atraído/a pela mesma.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Sinto-me incapaz de parar de utilizar pornografia online.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Por vezes tento organizar o meu horário de modo a conseguir estar sozinho/a para ver pornografia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Já recusei sair com amigos ou ir a certos eventos sociais de forma a ter oportunidade de ver pornografia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Já adiei prioridades importantes para ver pornografia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Sinto-me envergonhado/a depois de ver pornografia online.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Sinto-me deprimido/a depois de ver pornografia online.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Sinto-me doente depois de ver pornografia online.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dickman Impulsivity Inventory (DII)

(Dickman, 1990; Pechorro et al., 2021)

*

	0 - Totalmente falso	1 - Em parte falso	2 - Em parte verdade	3 - Totalmente verdade
1 - Não gosto de tomar decisões rapidamente, mesmo que sejam decisões simples tais como escolher o que vestir ou o que comer ao jantar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 - Sou bom a tirar vantagem de oportunidades inesperadas em que se tem de agir imediatamente ou perder a oportunidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 - Na maior parte do tempo, sou capaz de colocar os meus pensamentos em palavras muito rapidamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4 - Sinto-me desconfortável quando tenho de me decidir rapidamente.

5 - Gosto de participar em conversas com ritmo muito acelerado onde não se tem muito tempo para pensar antes de se falar.

6 - Não gosto de fazer as coisas rapidamente mesmo quando estou a fazer algo que não é muito difícil.

7 - Gostaria de trabalhar num emprego em que se tem de tomar decisões rapidamente em frações de segundo.

8 - Gosto de desportos e jogos nos quais se tem de decidir o próximo passo rapidamente.

9 - Frequentemente perdi oportunidades porque não me consegui decidir rapidamente o suficiente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 - As pessoas admiram-me porque consigo pensar rapidamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 - Tento evitar atividades onde tenho de agir sem ter muito tempo para pensar primeiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12 - Frequentemente digo o que me vem à cabeça sem pensar primeiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13 - Eu gosto de resolver problemas de forma lenta e cuidadosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14 - Frequentemente marco compromissos sem pensar se consigo cumprilos ou não.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15 - Frequentemente compro coisas sem pensar bem se as posso pagar ou não.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16 - Muitas vezes decido-me sem refletir o tempo necessário para ver a situação de várias perspetivas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17 - Frequentemente não gasto tempo a pensar numa situação antes de agir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18 - Frequentemente meto-me em problemas porque não penso antes de agir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19 - Muitas vezes os planos que faço não funcionam porque não pensei neles cuidadosamente com antecedência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20 - Raramente envolvo-me em projetos sem primeiro considerar os potenciais problemas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21 - Antes de tomar quaisquer decisões importantes, penso cuidadosamente nos prós e contras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22 - Eu sou bom a raciocinar cuidadosamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23 - Frequentemente digo e faço coisas sem considerar as consequências.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

(Martins et al., 2012)

Indique a sua opinião: *

	1 - Discordo totalmente	2 - Discordo	3 - Não discordo, nem concordo	4 - Concordo	5 - Concordo totalmente
1 - Os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 - Se uma pessoa já tiver mantido antes relações sexuais com a outra, então não se pode falar de violência sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 - Só são vítimas de agressões sexuais as pessoas "indecentes".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 - Só as pessoas que não conseguem arranjar parceiros(as) é que cometem agressões sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 - As pessoas dizem que foram vítimas de violência sexual quando se querem vingar de alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6 - Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7 - Há pessoas que merecem ser violadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8 - Há um certo ponto a partir do qual nenhum homem/nenhuma mulher é de ferro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9 - Se não for usada violência física, não se pode dizer que o acto sexual foi forçado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 - Quando as mulheres dizem não (ao sexo), muitas vezes, querem dizer sim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 - Se uma pessoa provoca sexualmente outra, não se pode depois queixar de ter sido violada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12 - A maioria das queixas de violação é falsa ou exagerada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13 - Se uma pessoa se expõe (por exemplo, saindo à noite sozinha ou frequentando locais com má reputação), a culpa é sua, se for vítima de uma agressão sexual.

14 - Muitas queixas de violação são inventadas quando os(as) companheiros(as) expressam o desejo de terminar a relação.

15 - Os agressores sexuais, na sua maioria, são pessoas com um aspecto diferente das outras.

16 - Se uma pessoa não agredir fisicamente nem magoar a outra, então, a agressão sexual é pouco grave.

17 - Algumas pessoas têm prazer sexual quando são violadas.

18 - Algumas pessoas têm o desejo secreto de ser violadas e gostariam que tal acontecesse.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19 - Há mulheres que gostam que os homens usem um pouco de força para as convencer a ter sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20 - Muitas queixas de violação são inventadas quando as pessoas se arrependem do que fizeram.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21 - Se uma pessoa violada tiver um comportamento sexual "indecente", então, a agressão sexual é menos grave.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22 - Forçar o(a) namorado(a) a ter relações sexuais não é violação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23 - Uma queixa de violação feita dias após o acto, provavelmente, não é verdadeira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24 - Uma pessoa pressionar a outra para ter relações sexuais pode ser uma forma de expressar amor e envolvimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25 - Se uma pessoa não resistir fisicamente, então, não se pode dizer que foi vítima de agressão sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26 - "Quem anda à chuva molha-se", quem não quiser ser agredido sexualmente deve evitar expor-se ao risco.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27 - Se uma pessoa é violada quando está alcoolizada e/ou sob efeito de outras drogas, então, pelo menos uma parte da culpa é dela.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28 - Se uma pessoa aceita algum acto de natureza sexual com outra (e.g., carícias, beijos), então, isso quer dizer que ela aceita ter relações sexuais com essa pessoa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29 - Se uma pessoa não quiser mesmo ser violada, ela consegue defender-se.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30 - Se uma pessoa violada já não era virgem, a violação é menos grave.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>